

# **PAI NOSSO REVOLUCIONÁRIO, PARCEIRO DOS POBRES, DEUS DOS OPRIMIDOS: APORTES PARA UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DA PASTORAL DA JUVENTUDE (PJ)\***

Igor Adoldo Assaf Mendes\*\*, Joilson de Souza Toledo\*\*\*

*Resumo: o campo religioso católico apresenta-se com uma grande diversidade. A relação que cada agrupamento, deste campo, tem com a sociedade, é profundamente variada. A compreensão dos diversos segmentos demanda o uso de aportes apropriados para a investigação. Tomaremos a Pastoral da Juventude (PJ), segmento da Igreja Católica mais afinado com a Teologia da Libertação. Em nossas pesquisas sobre o fenômeno religioso que se dá na PJ, temos trabalhado com dois autores básicos Pierre Bourdieu e Michael Löwy. Com Pierre Bourdieu (1989; 2007) estudaremos o conceito de religião enquanto sistema simbólico estruturado e estruturante. Nas pesquisas de Michael Löwy (2000; 2014; 2016) debruçar-nos-emos sobre a religião e a política na América Latina, com o conceito de Cristianismo da Libertação, com seus pressupostos e desdobramentos. Nele encontramos aportes significativos para a pesquisa sobre grupos que se constroem a partir da Teologia da Libertação, dentre eles a PJ. Assim sendo, nesta comunicação, pretendemos apresentar um corpus conceitual que nos tem auxiliado na investigação das experiências que se dão na PJ e como esta se tem constituído como um espaço de (des)construção de contextos sociais a partir da práxis de jovens e assessores do seguimento de Jesus no compromisso com os empobrecidos.*

*Palavras-chave: Religião. Teologia da Libertação. Práxis. Pastoral da Juventude. Empobrecidos.*

**A** experiência do sagrado vivenciada por grupos ligados da Teologia da Libertação tem sido força motivadora de trajetórias e militâncias de várias gerações de cristãos nos últimos 50 anos. Tendo sua experiência de Deus por ponto de par-

\* Recebido em: 04.05.2018. Aprovado em: 20.06.2018.

\*\* Doutor em educação. *E-mail*: assaf.igor@gmail.com

\*\*\* Mestre em Ciências da Religião pela PUC Goiás. *E-mail*: mistagogo@yahoo.com.br

tida, traçaram trajetórias onde fé e vida, oração e implicação na transformação social, denuncia dos mecanismos e estruturas injustas e anúncio da misericórdia de Deus testemunhada em Jesus de Nazaré não seriam binômios e sim expressões de uma mesma experiência fundante. Este artigo investiga o segmento da Igreja Católica conhecido como Pastoral da Juventude (PJ), e entende a PJ como expressão do que Löwy (2000; 2016) e Sofiati (2012b) nomeiam de Cristianismo da Libertação. O debate tomará por base o conceito de religião como um sistema simbólico em Bourdieu (1989; 2007) e como esta percepção se configura nas pesquisas de Löwy (2000; 2014; 2016; 2009) e estruturam o conceito de Cristianismo da Libertação e relação da PJ com ele.

Segundo Michael Löwy (*apud* SOFIATI, 2012b, p. 13) pouco se tem pesquisado sobre “a formação e o desenvolvimento da Pastoral da Juventude, de sua pedagogia e de suas opções políticas”, evidenciando que as pesquisas sobre juventudes e Teologia da Libertação ainda têm um longo caminho pela frente. Também a celebração dos cinco anos do pontificado do Papa Francisco, ocorrido em 13 de março deste ano e a proximidade do Sínodo dos bispos com o tema os *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* nos apontam a pertinência de ressaltar um referencial teórico que contribua na investigação de grupos da Igreja Católica que estejam mais alinhados com os processos de mudanças em curso nesta etapa da vida eclesial.

## A RELIGIÃO COMO SISTEMA SIMBÓLICO EM BOURDIEU

Esta pesquisa se junta a outras que parte do entendimento da religião como sistema simbólico estruturado e estruturante, como afirma Bourdieu (1971; 2007). A partir de uma visão sociológica da religião que sintetiza os três autores clássicos (Marx, Durkheim e Weber) o autor busca compreender como a religião se processa como um sistema simbólico é estruturado e estruturante dos sistemas sociais. Em suas pesquisas o referido autor interpreta a religião como um dos sistemas simbólicos junto com a arte e a língua (BOURDIEU, 1971; 1989).

Como sistema simbólico é função<sup>1</sup> da religião dar sentido ao mundo (social e natural) ao mesmo tempo que legitima às relações sociais de integração ou exclusão. Isso significa que ela é, como define Bourdieu, estrutura estruturante e estrutura estruturada. Ela é, ao mesmo tempo, consequência e fator de nascimento seja da experiência de sagrado como manifestação da coesão social: integração entre indivíduos que passam a dar sentido único à experiência religiosa a partir do mesmo sistema simbólico. De um ponto de vista estrutural-funcionalista, é algo fundamental para que a sociedade se constitua enquanto tal (BOURDIEU, 1971) ao promover a integração. Neste processo de disputas “o poder simbólico é um poder de construção da realidade” (BOURDIEU, 1989,

p. 9), tendo os símbolos como ferramentas de coesão. Estes, segundo Bourdieu (1989, p. 10)

*são os instrumentos por excelência de integração social: enquanto instrumentos de conhecimento [...], eles tornam possível o consensus acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração “lógica” é a condição da integração moral.*

No entanto, como dito anteriormente, na medida em que a religião atua como legitimadora de relações de exclusão, ela está a serviço das classes dominantes e exerce também uma função política.<sup>2</sup> Ao estruturar a compreensão da realidade, constituindo um *habitus* religioso, surge um “mercado de bens de salvação” e uma distribuição de “capital religioso” segundo a posição que cada um ocupa no campo religioso (sacerdote ou leigo) e com isso a disputa pelo monopólio desse mercado (BOURDIEU, 1971). Sua capacidade de organizar a sociedade estaria, portanto, a serviço de quem detém o poder dentro e fora do campo religioso. A lógica e a naturalidade que ela ajuda a construir mascarariam tais esquemas, esses jogos de poder. Torna lógica posturas arbitrárias e com isso beneficia o lado mais forte da disputa. Temos, assim, uma situação de dominação simbólica. Segundo Bourdieu (1989, p. 11)

*as diferentes classes e frações de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo, em forma transfigurada, o campo das posições sociais.*

Assim, as produções simbólicas são instrumentos de dominação e de disputa.

*Tendo em vista que o interesse religioso tem por princípio a necessidade de legitimação das propriedades vinculadas a um tipo determinado de condições de existência e de posição na estrutura social, as funções sociais desempenhadas pela religião em favor de um grupo ou de uma classe, diferenciam-se necessariamente de acordo com a posição que este grupo ou classe ocupa na estrutura das relações de classe na divisão do trabalho religioso (BOURDIEU, 2007, p. 50).*

Podemos compreender então que Bourdieu une as três tradições sociológicas clássicas criando uma compreensão própria sobre o papel duplo da religião na sociedade, que é ao mesmo tempo instrumento de coesão social, manifestação de conflito entre os grupos sociais e instrumento de dominação das elites. De acordo com a sua compreensão, o campo religioso é uma teia de relações e embates, a

religião constrói um esquema que reivindica tornar o mundo lógico e inteligível. Estabelece de forma arbitrária o que seria indiscutível e o faz de tal forma que dá a entender que isto seja sagrado, ou natural. Elabora um sistema de questões indiscutíveis (BOURDIEU, 2007), nomeadas pelo autor de efeito de consagração. Com isso legitima posições sociais (BOURDIEU, 2007). O autor entende o “poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo” (BOURDIEU, 1989). E é nesse sentido que a religião pode ser também instrumento de transformação da realidade social, como aponta Michel Löwy.

### CRISTIANISMO DA LIBERTAÇÃO: UMA CHAVE DE LEITURA PARA A TRAJETORIA DA PASTORAL DA JUVENTUDE

Compreendemos que na investigação sociológica de Bourdieu a religião é abordada como espaço de dominação, como mascaramentos das relações sociais e, por isso, reprodução da estrutura (BOURDIEU, 1971; 1989; 2007). Löwy (2000; 2016), no entanto, nos mostra que este sistema simbólico pode tanto ser mecanismo de opressão como instrumento para os processos de libertação. Por isso, afirma que, “em suas formas de protesto e rebeldias, a religião é uma das formas mais significativas de consciência utópica, uma das expressões mais ricas de esperança” (LÖWY, 2000, p. 29). A alternativa de que a religião apresenta pode ser alienação, mas também pode propulsar ações libertárias. Enquanto consciências utopia ela abre horizontes que podem contribuir para uma inserção na realidade numa perspectiva transformadora, a partir dos processos de libertação dos empobrecidos.

Para Löwy a trajetória de tantos cristãos latino americanos apresenta outra possibilidade de interpretação do lugar da religião em meio aos cenários sociais. Esta pode estar na motivação também de posturas libertarias e não somente de mecanismo de dominação. A experiência religiosa mobiliza profundamente as pessoas. Segundo Mariategui (2010, p. 51, tradução nossa) já que “a força dos revolucionários não reside em sua ciência; ela reside em sua fé, sua paixão, sua vontade. É uma força religiosa, mística, espiritual”.

Ao analisar percurso histórico de cristãos comprometidos com a opção preferencial pelos pobres no Continente Latino-Americano iniciada na década de 60 do século XX, Löwy afirma: “Proponho chamá-lo de *crístianismo da libertação*, por ser esse um conceito mais amplo que “teologia” ou “Igreja”, e incluir tanto a cultura religiosa e a rede social, quanto a fé e a prática” (2000, p. 57). Este movimento social estará na base da expansão e da capilaridade de muitos movimentos de esquerda no Brasil (LÖWY, 2009). A fé se tornou em muitos lugares fator de aglutinação e de mobilização das pessoas. O estudo comuni-

tário da Bíblia foi ensinando a reler a vida. A vivência das pessoas começou a fazer novas perguntas para a Bíblia e esta relação foi se configurando uma nova eclesialidade. A literatura sagrada dos cristãos vai sendo reconhecida como memória de um povo que luta por sua libertação.

O Cristianismo da Libertação deu origem à práxis que fundamenta a Teologia da Libertação: a experiência de seguir Jesus no compromisso com os empobrecidos. Ao traçar as características da Teologia da Libertação, o autor lembra a crítica à dualidade da Teologia tradicional (2000, p. 61). Nesta perspectiva, a prática de oração e militância, a vida de fé e o compromisso social estabelecem uma relação dialética, onde um elemento pressupõe o outro, a ponto de configurar um papel subversivo da experiência religiosa. Dessa forma, consideramos que surge um novo habitus religioso nos indivíduos, que difere do ethos religioso tradicional. Löwy (2000, p. 53; 2016, p. 68) e Sofiati (2012b, p. 33), ao dialogarem com Max Weber, retomarão o conceito da relação do protestantismo com o capitalismo para afirmar uma repulsa do catolicismo ao mesmo sistema. Dentro desta visão ele deduz que a *Igreja dos Pobres* da América Latina é herdeira da rejeição ética do capitalismo pelo catolicismo – a *afinidade negativa* (LE MOS, 2005). Segundo Sofiati (2013, p. 216), “a Teologia da Libertação assume a crítica marxista da Igreja Católica e das práticas religiosas que dão um caráter sagrado ao sistema de exploração capitalista”. Em outro artigo, Sofiati (2012a, p. 335) afirma que

*A TL tem como perspectiva interpretar a realidade latino-americana à luz do evangelho, utilizando termos e conceitos marxistas, além de fazer a “opção preferencial pelos pobres”, isso é uma escolha política, pautada pela noção de classe social [...] No entanto, em seus documentos está presente uma proposta de mudança da realidade brasileira sem apresentar de forma clara um projeto de transformação, afirmando que não é papel da IC desenvolver plataforma política, mas, sim, por intermédio dos cristãos na sociedade, participar de sua elaboração.*<sup>3</sup>

Desta forma, “o cristianismo da libertação vê religião e política numa unidade dialética, dois momentos da mesma realidade” (RIBEIRO *apud* LÖWY, 2000, p. 64). Neste caminho de perceber fé e vida entrelaçadas foi se constituindo um jeito de viver que exige/possibilita uma nova consciência, pois, como afirma Marx (*apud* SOFIATI, 2012b, p. 160), “não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência”.

Em suas pesquisas Löwy (2009) vai afirmar que por vezes na história as críticas feitas pelos cristãos da libertação ao capitalismo foram mais contundentes do que a crítica feita por outros organismos da esquerda. Assim, do ponto de vista sociológico, a categoria Cristianismo da Libertação se mostra instrumento ade-

quado para a compreensão do fenômeno que se deu em uma parte do campo católico e que chegou a tocar esferas mais amplas no Brasil como a CNBB.

#### FORA DOS POBRES NÃO HÁ SALVAÇÃO<sup>4</sup>: ELEMENTOS HISTÓRICOS E METODOLÓGICOS DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

Para aproximar-nos melhor do Cristianismo da Libertação e da apropriação que a PJ do pensamento teológico que o fundamenta neste artigo de forma breve queremos retomar três elementos. O conceito da Teologia da Libertação como práxis refletida; alguns elementos do nascimento da Teologia da Libertação enquanto produção literária e críticas que a teologia de libertação sofre – que a PJ também sofre – por vezes dentro dos seus próprios quadros.

Mais do que ser vista como um corpo de textos, convém reconhecer a Teologia da Libertação como “reflexo de uma *práxis* anterior e reflexão sobre essa *práxis*” (2000, p. 56). Gustavo Gutiérrez (1981, p. 58) em *A Força Histórica dos Pobres*; Segundo Galilea (1978, p. 14), em *Teologia da Libertação: Ensaio de síntese*, Richard (2006, p. 44), em *Força Ética e Espiritual da Teologia da Libertação*, a chamaram de ato segundo. O mais importante, o ponto de partida desta teologia, seu “ato primeiro” é a *práxis* libertadora aonde se dá o encontro com o Senhor no pobre (BOFF; BOFF, 1979, p. 11). Este passa a ser reconhecido não como objeto de caridade e alvo da ação evangelizadora, mas sujeito da História, sujeito eclesial. A História humana com seus desafios e lutas, seus conflitos e processo de busca pela libertação é reconhecida como História da salvação. O Reino de Deus passa a ser percebido e buscado também nos processos sócio-históricos.

Neste caminho a Teologia da Libertação é a reflexão que brota de uma prática libertadora. Na verdade é possível dizer que espiritualidade (motivação), Teologia (reflexão) e *práxis* (ação) andam juntas, numa espécie de processo. A medida que nasce uma prática e uma experiência de fé libertadora, se torna necessário uma reflexão sobre estas. O que os teólogos da libertação fizeram foi sistematizar a reflexão que já estava presente na base. Assim a relação entre teoria e prática foi se configurando como um elemento central para a Teologia da Libertação, os teólogos tomaram postura de assessores e não apenas de professores catedráticos. Por isso um dos temas que emergem de início é “O teologia das libertações sócio-históricas”.<sup>5</sup>

Do ponto de vista da produção intelectual as obras estruturantes da teologia da libertação. Em língua espanhola *Teologia da Libertação: perspectivas* obra de Gustavo Gutierrez publicado em 1972. A primeira obra em português foi *Jesus Cristo Libertador* de 1972 do filósofo e teólogo Leonardo Boff. De maneira geral, a teologia da libertação possui uma literatura bem plural, porém suas obras

convergem no seguinte aspecto: o uso de um instrumental sociológico – por vezes marxista – para analisar a realidade; a relação entre fé e vida; a centralidade do Reino de Deus e do seguimento de Jesus. Os teólogos e teólogas que se destacaram na Teologia da Libertação latino-americana são vários. Löwy (2000; 2016) em suas pesquisas sobre a temática menciona os seguintes: Gustavo Gutiérrez, Rubem Alves, Hugo Assmann, Carlos Mesters, Leonardo e Clodovis Boff, Frei Betto, Jon Sobrino, Ignacio Ellacuría, Segundo Galilea, Ronaldo Muñoz, Pablo Richard, José Miguez Bonino, Juan Carlos Scanone, Ruben Dri, Enrique Dussel, Juan-Luis Segundo, Samuel Siva Gotay. Podemos citar também Tamayo (2011, p. 245-534), que em sua obra sobre a Teologia da Libertação apresenta uma lista bem parecida acrescentando Maria Pilar Aquino, Pedro Casaldaliga, José Comblin, Coletivo Conspirando, Ivone Gebara, Franz Hinkelammert, Diego Irarrazaval, José Porfirio Miranda, Jung Mo Sung, Paulo Suess e Elza Tamez.

Enquanto produção literária há uma originalidade a se mencionar. A Teologia da Libertação foi a primeira Teologia a nascer na periferia do cristianismo (LIMA VAZ *apud* RUBIO, 1977, p. 3). As teologias sempre nasceram nos centros da vivência e da produção intelectual de suas épocas. A teologia cristã foi marcada pelas culturas mediterrâneas.

Esta corrente teológica abordou várias áreas e perspectivas da teologia. No entanto há uma corrente preconizada por Clodovis Boff que vê a teologia da libertação como teologia do Político (BOFF, 1978). Em sua análise sobre a Teologia da Libertação Rubio (1977) também segue esta linha.

Há pouco mais de uma década atrás eclodiu o debate sobre o lugar do pobre na teologia da libertação. O diferente deste momento é que esta crítica vinha de um de seus grandes autores: Clodovis Boff. Era uma pergunta pelo método da Teologia da Libertação e esta pergunta na época nos rendeu uma série de artigos. Por trazer esta polémica no debate porque os jovens e assessores da PJ se veem confrontados com argumentos similares.

## PASTORAL DA JUVENTUDE: JUVENTUDES DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

Focando o olhar na PJ é possível dizer que a partir do Cristianismo da Libertação, no âmbito da juventude, encontramos a apresentação que Michael Löwy faz da obra *Juventude Católica: o novo discurso da Teologia da Libertação*, livro que resultou da dissertação de mestrado de Flávio Sofiati. Seguindo a descrição de Löwy:

*Esse movimento inclui setores significativos do clero – padres, freiras, ordens religiosas, bispos – dos movimentos religiosos leigos, como a Ação Ca-*

*tólica, a JUC, a JOC, das comissões pastorais – como Justiça e Paz, Pastoral da Terra, Pastoral Operária, ‘Pastoral da Juventude’ – e das comunidades eclesiais de base (CEB’s). Trata-se de uma ampla e complexa rede que ultrapassa os limites da Igreja como instituição, e que reúne, a partir dos anos 1970, milhões de cristãos que partilham a “opção prioritária pelos pobres” – um compromisso social que não mais considera o pobre como objeto da caridade cristã, mas como sujeito histórico de sua própria libertação Löwy (apud SOFIATI, 2012b, p. 13, grifo nosso).*

Mais diretamente, alguns parágrafos depois, Löwy (apud SOFIATI, 2012b, p. 14) afirma categoricamente que

*A Pastoral da Juventude, com suas características próprias analisadas de forma precisa por Flávio Sofiati, é uma das manifestações desse cristianismo da libertação – provavelmente, mais sensível do que outras tendências culturais individualistas presentes na sociedade, a partir dos anos 1990.*

Na obra que sintetiza suas pesquisas dos últimos 10 anos, Sofiati (2014, p. 71) afirma:

*A Pastoral da Juventude (PJ) corresponde aos grupos das paróquias e das CEBs, das grandes cidades ou do interior, sendo a maior e também a mais articulada e estruturada dentre as pastorais específicas. Sua atuação na comunidade eclesial e nas paróquias enfatiza a ação do jovem no interior da IC. Portanto, grande parte dos jovens da PJB está inserida em trabalhos eclesiais como catequese e liturgia.*

Mas o que ainda é preciso dizer sobre esta pastoral? Ao abordar a caminhada da PJ e falar de suas opções pedagógicas, Sofiati (2012b, p. 17) destaca “a opção pelo trabalho em pequenos grupos de base e a utilização do método ver-julgar-agir-rever-celebrar, concebido como um modo de inserção e olhar sobre a realidade social e religiosa do país” e caracteriza o processo pedagógico da PJ (SOFIATI, 2012b, p. 89-97) como: uma pedagogia experiencial, transformadora; as cinco dimensões da formação integral; a organização, a espiritualidade que relaciona fé e vida etc.

Em se tratando da identidade da PJ a partir do contexto em que está inserida, Dick (2013, p. 41) nos lembra que

*é o objetivo que confere identidade a algo. E o objetivo da Pastoral da Juventude é a evangelização da juventude em suas diversas realidades. Levar, aos diversos tipos de jovens, a Boa-Nova da felicidade trazida por Jesus Cristo. Essa é sua identidade [...] Em vista desse objetivo, a Pastoral da Juventude defende uma*

*Teologia, uma Pedagogia, uma leitura da realidade e, de modo especial, faz algumas opções pedagógicas.*

Em seu subsídio de estudo, a PJ desenha um horizonte do *para onde caminhamos e podemos ler*:

*Queremos despertar os jovens para a pessoa e a proposta de Jesus Cristo e desenvolver com eles um processo global de formação baseado na fé, para formar líderes capacitados para agir na comunidade, atuar na própria PJ, em outros ministérios da Igreja e em seu meio específico, comprometidos com a libertação integral do homem e da sociedade, levando uma vida de comunhão e participação, de modo que contribuam concretamente com a construção da Civilização do Amor (SILVA; VIEIRA; SILVA, 2012, p. 34).*

Para que tudo isso se concretize, os grupos de jovens são o contexto comunitário prioritário para a PJ. De acordo com vários autores (SILVA; VIEIRA; SILVA, 2012, p. 128; DICK, 2013, p. 34; SOFIATI, 2012a, p. 343) os pequenos grupos são uma opção político-pedagógica e teológica; um espaço e uma experiência central (SOFIATI, 2014, p. 72). Ao afirmar os traços metodológicos da PJ, Sofiati (2012a, p. 334) destaca “a opção pelo trabalho em pequenos grupos de base e a utilização do método ver-julgar-agir-rever-celebrar, concebido como um modo de inserção e olhar sobre a realidade social e religiosa do país”.

No subsídio de estudo da PJ nacional se afirma que

*o grupo é a BASE da PJ. É no grupo e pelo grupo, que a Pastoral da Juventude acontece, ou não. Quando o grupo busca viver o Processo de Educação da Fé, com base na metodologia proposta pela PJ, atuar na sua comunidade, sendo evangelizador no próprio grupo e fora dele entre outros jovens, já está sendo e/ou fazendo ‘Pastoral da Juventude’ (SILVA; VIEIRA; SILVA, 2012, p. 128).*

Após um longo processo de reflexão sobre sua identidade a PJ chegou a uma síntese que se encontra no subsídio Somos Igreja Jovem. No intuito de destacar a relação da PJ com a Teologia da Libertação destacamos um dos sete parágrafos que apresentam seu objetivo

*Somos jovens das diversas realidades regionais do país, na maioria empobrecida e, a exemplo de Jesus Cristo e da Igreja da América Latina, fazemos opção pelos pobres e jovens. Encontramo-nos em grupo para partilhar e celebrar a vida, as lutas, os sofrimentos e cultivar a amizade baseada numa formação integral e mística próprias (SILVA; VIEIRA; SILVA, 2012, p. 18-9).*

Neste caminho de pesquisa depois de toda esta apresentação podem ainda restar perguntas sobre a importância do instrumental. Ao apresentar sua identidade a PJ sinaliza sua conexão com a opção pelos pobres, e por isso com o Cristianismo da Libertação. Assim sendo, o percurso das pesquisas de Löwy e Sofiati nos apresentam um instrumental para abordar sociologicamente a PJ, situada no horizonte do Cristianismo da Libertação e, com isso, passa a ter como instrumental de pesquisa não só as sínteses apresentadas por Sofiati, mas também as pesquisas de Löwy sobre Marxismo e Teologia da Libertação. A PJ se torna um agente evangelizador<sup>6</sup> que estrutura um novo habitus religioso ao adotar e divulgar uma reinterpretação do simbolismo cristão.

As transformações ocorridas na trajetória da PJ e apresentadas por Sofiati (2004), Frainger (2015) e Toledo (2016) apontam tanto o valor do instrumental que se encontra ao redor do conceito de Cristianismo da Libertação, quanto a pertinência do diálogo com outras correntes e conceitos da sociologia.

## CONCLUSÃO

O presente artigo tentou tão somente ser a apresentação de um instrumental para a análise sociológica da Pastoral da Juventude. Nos limites desta modalidade acadêmica apresentou escolhas, concepções, possibilidades e conceitos, tomando por referência do conceito de religião de Bourdieu e de Cristianismo da Libertação de Löwy, faz dos fenômenos que marcaram os cristãos comprometidos com os processos de libertação no continente Latino-Americano.

Reconhecendo que a religião pode tanto fomentar processos de questionamento e de manutenção do *status quo*, em nossas pesquisas reconhecemos como esse sistema simbólico, ainda se apresenta como um fator desencadeador de processos e trajetórias libertadoras, autônomas e emancipatórias na medida que inculca visões de mundo que ultrapassam os limites do campo religioso. Dentre os segmentos que se tornam espaço destas situações, encontra-se a PJ.

Em tempos de retrocessos na política e que o senso comum afirma não haver lugar para utopia, segmentos como a PJ, bem como as pesquisas sobre ela, mostram não só sua relevância social, mas também acadêmica. Este artigo se encerra aqui, mas as inquietações que a fizeram surgir persistem, convidando ao “perigo” de novas pesquisas.

## OUR FATHER REVOLUTIONARY, PARTNER OF THE POOR, GOD OF THE OPRIMIDS: CONTRIBUTIONS TO A SOCIOLOGICAL ANALYSIS OF YOUTH MINISTRY (PJ)

*Abstract: the Catholic religious field presents itself with a great diversity. The relation that each grouping, of this field, has with the society, is deeply varied.*

*Understanding the various segments requires the use of appropriate inputs for research. We will take the Youth Ministry (PJ), segment of the Catholic Church more in tune with Liberation Theology. In our research on the religious phenomenon that occurs in the PJ, we have worked with two basic authors Pierre Bourdieu and Michael Löwy. With Pierre Bourdieu (1989; 2007) we will study the concept of religion as a structured and structured symbolic system. In the research of Michael Löwy (2000, 2014, 2016) we will focus on religion and politics in Latin America, with the concept of Liberation Christianity, with its presuppositions and developments. In it we find significant contributions for the research on groups that are built from the Liberation Theology, among them the PJ. Thus, in this communication, we intend to present a conceptual corpus that has helped us in the investigation of the experiences that occur in the PJ and how it has been constituted as a space of construction of social contexts based on the praxis of young people and advisors of the following Jesus in the commitment to the impoverished.*

**Keywords:** *Religion. Theology of Liberation. Praxis. Youth Ministry. Improve*

#### Notas

- 1 Acepção durkheimiana de função social.
- 2 Dessa forma Bourdieu adota uma posição associada a teoria do conflito de Marx e Weber, onde a religião é expressão da disputa por poder.
- 3 Sofiati neste livro usa a sigla TL para se referir a Teologia da Libertação e a sigla IC ao se referir a Igreja Católica.
- 4 Título de uma obra de Jon Sobrino.
- 5 Título de uma obra de Clodovis e Leonardo Boff.
- 6 Ou, para referenciar Bourdieu (1971), um agente do “mercado de bens de salvação”.

#### Referências

- BOFF, Clodovis. *Teologia e prática: teologia do político e suas mediações*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. *Da Libertação: o teológico das libertações sócio-históricas*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- BOFF, Leonardo, *Jesus Cristo Libertador*. Petrópolis: vozes, 1972.
- BOURDIEU, Pierre. Genèse et structure du champ religieux. *Revue française de sociologie*, v. 12-3, p. 25-334, 1971. Disponível em:  
[http://www.persee.fr/doc/rfsoc\\_0035-2969\\_1971\\_num\\_12\\_3\\_1994](http://www.persee.fr/doc/rfsoc_0035-2969_1971_num_12_3_1994). Acesso em: 03 fev. 2018.
- BOURDIEU, Pierre. *Economia das Trocas Simbólicas*. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- DICK, Hilário. Mínimo do mínimo para anunciar uma boa-nova à juventude. *Caderno ciência*

*e fé*, v. 1, n. 3. Curitiba: Champagnat, 2013.

FRAINER, Jean Davi. *Primavera ou inverno pastoral?* Uma análise sociológica das transformações na Pastoral da Juventude em Santa Catarina. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2015.

GALILEA, Segundo. *Teologia da Libertação*: ensaio de síntese. São Paulo: Paulinas, 1978.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação*: ensaio de síntese. São Paulo: Paulinas, 1978.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *A Força Histórica dos Pobres*. Petrópolis: Vozes, 1981.

LEMONS, Carolina Teles. Max Weber nas leituras do catolicismo. *Caminhos*, Goiânia, v. 3, n. 2, p. 233-252, jul./dez. 2005.

LÖWY, Michael. *A Guerra dos deuses*: religião e política na América Latina. Petrópolis: Vozes, 2000.

LÖWY, Michael. *A jaula de aço*: Max Weber e o Marxismo Weberiano. São Paulo: Boitempo, 2014.

LÖWY, Michael. El cristianismo de la liberacion y la izquierda en Brasil. *Anuario IEHS* 24 (2009), pp. 465-476. Disponível em:

<<http://anuarioiehs.unicen.edu.ar/Files/2009/Michael%20L%C3%B6wy%20El%20Cristianismo%20de%20la%20Liberaci%C3%B3n%20y%20la%20Izquierda%20en%20Brasil.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

LÖWY, Michael. O Catolicismo latino-americano radicalizado. *Estudios Avanzados*. São Paulo, v. 3, n. 5. p. 50-59, 1989. Disponível em:

<<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8509/10060>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

LÖWY, Michael. *O que é Cristianismo da Libertação?* Religião e Política na América Latina. Expressão Popular: São Paulo, 2016.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *El hombre y el mito*. El alma matinal y otras estaciones del hombre de hoy. Mariátegui: Política e Revolucionaria – contribución a la crítica socialista. Tomo III. Caracas: El per la rana, 2010, p. 47-52. Disponível em:

<<http://www.cenal.gob.ve/wp-content/uploads/2015/11/El-alma-matinal.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

PASTORAL DA JUVENTUDE NACIONAL. *Bora falar de Pastoral da Juventude?* Roteiros de rodas de conversa para apresentar e falar da Pastoral da Juventude aos grupos de Jovens. São Paulo: CCJ, 2016.

RICHARD, Pablo. *Força ética e espiritual da Teologia da Libertação*: no contexto atual da globalização. São Paulo: Paulinas, 2006.

RUBIO, Alfonso Garcia. *Teologia da Libertação*: Política ou profetismo? São Paulo: Loyola, 1977.

SOBRINO, Jon. *Fora dos Pobres não há salvação*: pequenos ensaios utópicos-proféticos. São Paulo: Paulinas, 2008.

SOFIATI, Flávio Munhoz. A Juventude da teologia da libertação. *Horizontes*, Belo Horizonte,

v. 10, n. 26, p. 333-356, abr./jun. 2012. (2012a). Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2012v10n26p333/3964>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

SOFIATI, Flávio Munhoz. *Jovens em Movimento: o processo de formação da Pastoral da Juventude do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/1482/DissFMS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

SOFIATI, Flávio Munhoz. *Juventude Católica: o novo discurso da teologia da libertação*. São Carlos: EdUFSCar, 2012. (2012b).

SOFIATI, Flávio Munhoz. O novo significado da “opção preferencial pelos pobres” na teologia da libertação. *Tempo Social*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 215-34, junho 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/69040/71489>>. Acesso em 28 mar. 2018.

SOFIATI, Flávio Munhoz. Renovação carismática e teologia da libertação: elementos para uma sociologia da juventude católica. *Novas leituras do campo religioso brasileiro*. Aparecida: Ideias & letras, 2014.

TAMAYO, Juan José. *La Teología de La Liberación: en el nuevo escenario político y religioso*. 2ª ed. Valencia: Tirant lo Blanch, 2011.

TOLEDO, Joilson de Souza. *Hermenêutica Bíblica da Pastoral da Juventude: Cenários e Aproximação a partir de Ex 3,1-6*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2016. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/3473/2/JOILSON%20DE%20SOUZA%20TOLEDO.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2018.